

Brasil é o 6º do mundo em mortes por derrame

Segundo a OMS, ocupamos atualmente a perigosa sexta colocação no *ranking* dos países em que se observam mais mortes por derrame. Some-se a isso a nona posição no que se refere à mortalidade por doenças cardíacas, segundo dados do *Atlas de Doenças Cardíacas e Derrames*, publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). No Brasil, em 2002, foram registradas 139.601 mortes por doenças cardíacas e 129.172 por derrames. O número de casos absolutos de doenças cardiovasculares só perde para o de países como China,

Índia, Rússia e Estados Unidos. Os fatores de risco para estas doenças, segundo a OMS, incluem pressão alta, fumo, sedentarismo, obesidade e diabetes. Por isso, os especialistas aconselham que os hábitos de vida da população sejam modificados a partir da infância. Segundo o relatório – o mais abrangente já preparado sobre doenças cardiovasculares – esses males matarão mais de 24 milhões de pessoas por ano até 2030. Atualmente, 17 milhões de indivíduos morrem por ano por estarem nesse grupo de risco.

Morte súbita entra em campo

A morte do jogador Paulo Sérgio Oliveira da Silva, o *Serginho*, do São Caetano, que teve uma parada cardiorrespiratória no estádio do Morumbi, em São Paulo, chocou o país. O atleta tinha apenas 30 anos. Segundo especialistas em medicina esportiva, essa morte poderia ter sido evitada caso o socorro cardíaco fosse feito com mais eficiência. Também faltou uma vigilância maior por parte dos dirigentes dos clubes e das autoridades, pois um exame no Incor, no começo do ano, já havia detectado problemas no coração do atleta. Após a seqüência inicial, os médicos afastaram Serginho dos treinos durante 10 dias para a realização de testes mais precisos. Foi aí que se diagnosticou uma doença chamada cardiomiopatia hipertrófica assimétrica, condição grave em que o coração tem suas dimensões aumentadas. Pacientes que sofrem desse mal, quando submetidos a esforço intenso – caso de atletas profissionais –, podem apresentar alterações no ritmo dos batimentos, as arritmias. Os impulsos elétricos que fazem o órgão pulsar se tornam desordenados e o coração pára. A indicação médica seria de reduzir a carga de atividade física, o que Serginho não fez, porque não queria perder o emprego. Resta saber o motivo que levou o clube a manter o jogador entre os titulares, mesmo sabendo que isso implicava risco de morte. O assunto está sendo investigado pela polícia.

A cardiomiopatia hipertrófica obstrutiva (CMHO) é uma das causas mais freqüentes de morte não-violenta de pessoas jovens (menos de 35 anos), previamente sem sintomas. Com a CMHO, as paredes do coração estão espessadas. A hipertrofia pode reduzir o volume do coração e dificultar a ejeção do sangue que sai do ventrículo esquerdo (o que bombeia esse líquido para o corpo). Com

o aumento da freqüência cardíaca durante a atividade física, existe também maior exigência de sangue para os músculos e o cérebro. Num coração com cardiomiopatia, essa combinação de exigência aumentada e diminuição da ejeção de sangue pode conduzir a um problema de falta de fornecimento de oxigênio ao músculo cardíaco, que por sua vez é anormal – o que leva a uma alteração de ritmo cardíaco, freqüentemente fatal. A CMHO é herdada dos pais em cerca 50% dos casos. Pode manifestar-se a qualquer hora, sem aviso prévio, desde o período pré-natal até por volta da terceira década de vida. Os atletas portadores de CMHO com maior risco de morte súbita são os que possuem história familiar desse tipo de morte, os que na sua história pessoal têm perdas de consciência (síncope) e aqueles cuja pressão arterial não sobe durante o esforço. É possível em centros especializados realizar o genótipo dos vários subtipos de CMHO com risco aumentado de morte súbita.

- Um terço das mortes é provocado por doenças cardíacas
- Setenta por cento das vítimas do coração sofrem o acúmulo de placas de gordura indetectáveis com exames comuns
- As chances de ocorrer um problema cardíaco durante atividade física são quatro vezes maiores do que em descanso
- Um em cada 300 mil atletas com menos de 35 anos tem morte súbita
- Ter uma doença cardíaca não-diagnosticada aumenta em 100 vezes o risco de sofrer morte súbita
- Oito por cento dos atletas profissionais no Brasil têm algum problema cardíaco

